

ATIVIDADE PRINCIPAL E IMPLICAÇÕES RELATIVAS À CRIATIVIDADE

MAIN ACTIVITY AND IMPLICATIONS RELATED TO CREATIVITY

 <https://orcid.org/0000-0002-7226-8749> Rejane Gomes Tavares^A

 <https://orcid.org/0000-0002-9143-4802> Sandra Valéria Limonta^B

 <https://orcid.org/0000-0001-5892-1484> Marilza Vanessa Rosa Suanno^B

^A Secretaria Municipal de Educação de Goiânia e Universidade Federal de Goiás (SME e UFG), Goiânia, GO, Brasil

^B Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO, Brasil

^C Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO, Brasil

Recebido em: 29 11 23 | Aceito em: 19 06 2024

Correspondência: Rejane Gomes Tavares (rejane88tavares@gmail.com)

Resumo

O presente trabalho objetiva refletir sobre implicações da criatividade no tocante à atividade principal de cada estágio do desenvolvimento humano. Para isso, metodologicamente, foi realizada uma revisão bibliográfica com leituras na íntegra de textos de pesquisadores que se inserem na temática do ensino desenvolvimental compreendidos em sua proposição, como os russos Davidov (1999) e Leontiev (2004) e o ucraniano Repkin (2014), além de pesquisadoras da atualidade, como as brasileiras Facci (2004) e Miller (2019). A partir disso, deram-se reflexões iniciais acerca da compreensão de atividade e de seus desdobramentos correspondentes a cada estágio. Por fim, houve uma reflexão sobre a presença da criatividade e/ou da imaginação nas atividades principais a partir de subsídios identificados nas obras dos autores já citados e em Vigotski (2018). Apesar de a intenção ser despertar reflexões e não a comprovação, ficou perceptível que a criatividade está presente nas atividades principais, sendo a presença, em um determinado estágio, de fundamental importância à continuidade do desenvolvimento do ser humano no estágio subsequente.¹

Palavras-chave: Atividade principal; jogo de papéis; atividade de estudo; comunicação pessoal; atividade profissional de estudo.

Abstract

This present work aims to reflect on the implications of creativity in relation on the main activity of each stage of human development. For this, methodologically, a bibliographic review was carried out with full readings of texts by researchers who fall within the theme of developmental teaching included in their proposition, such as the Russians Davidov (1999) and Leontiev (2004) and the Ukrainian Repkin (2014), in addition to current researchers, such as the Brazilian Facci (2004) and Miller (2019). From this, initial reflections were made on understanding the activity and its developments corresponding to each stage. Finally, there was a reflection on the presence of creativity and/or imagination in the main activities based on subsidies identified in the works of the authors already mentioned and in Vigotski (2018). Although the intention was to awaken reflections and not

¹ Artigo apresentado como atividade avaliativa final da disciplina Trabalho Docente, Conhecimento Escolar e Ensino (2020/1), ministrada pela docente Dra. Sandra Valéria Limonta (PPGE/FE/UFG), no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (FE/UFG).



proof, it is clear that creativity is present in the main activities, with its presence, at a given stage, being of fundamental importance to the continued development of human beings in the subsequent stage.

Keywords: Main activity; role play; study activity; personal communication; professional study activity.

Introdução

Este estudo busca reconhecer implicações relacionadas à criatividade e à imaginação em períodos do desenvolvimento humano com ênfase nas especificidades da atividade principal marcante de cada etapa. O interesse por aspectos criativos parte da premissa de que a atividade principal está fundamentada sob um viés de abordagem histórico-cultural, que concebe o ser humano capaz de criar transformações sociais com atitudes criativas ante o contexto vivenciado pelo sujeito.

Nessa perspectiva, as atividades principais são momentos da vida em que predominam determinadas formas de ser e estar no mundo, socialmente organizadas e colocadas para o sujeito, que favorecem o desenvolvimento de novas ações e de operações mentais (neoformações), que se concretizarão em atitudes criativas e/ou em novas ações e operações nas quais a criação seja consequência do desenvolvimento propiciado pela atividade principal.

Na seção subsequente, apresentaremos a metodologia utilizada na produção desse estudo. Posteriormente, passaremos a discutir sobre o que concebemos por atividade e por atividade principal. Finalmente, discutiremos a respeito da atividade principal que marca cada período do desenvolvimento humano além de identificarmos inferências da criatividade nessas. Por último, apresentaremos considerações de caráter conclusivas acerca do estudo apresentado.

Metodologia

Este trabalho é de ordem teórico-conceitual, realizado a partir de uma revisão bibliográfica, possuindo, assim, uma abordagem qualitativa. Para seu desenvolvimento embasamo-nos em sistematizações dos seguintes psicólogos e pedagogos: o russo Davidov (1999), um dos precursores nos estudos que conduziram a teoria desenvolvimental; o russo Leontiev (2004) e o ucraniano Repkin (2014), ambos importantes autores que contribuíram com o processo de desenvolvimento da teoria citada. Além desses, dialogamos com pesquisadoras da atualidade, que se inserem na temática, como as brasileiras Facci (2004) e Miller (2019).

Para a compreensão conceitual do que seja atividade, apoiamos-nos em Leontiev (2004) e Repkin (2014) e, para entendimento de atividade principal ou dominante, valemo-nos de apontamentos feitos por Facci (2004).

Ainda, ao realizar uma leitura em profundidade de Facci (2004) e Miller (2019), foi possível identificarmos a atividade principal e o que a caracteriza, considerando uma periodização em estágios do desenvolvimento humano. Ademais, para isso, fundamentamo-nos em Davidov (1999). Após apresentar especificidades acerca de cada atividade principal, reflexionamos e apresentamos breves implicações relativas à criatividade e/ou à imaginação em cada etapa, pautando-nos nos autores já citados e também em Vigotski (2018).

O que se entende por atividade?

Atividade corresponde a um processo de relacionamento do ser humano com o mundo para, de alguma maneira, responder a uma necessidade específica (Leontiev, 2004). Assim, subtende-se que a atividade é especificamente humana, porém sabemos que nem toda atuação de um determinado indivíduo caracteriza-se como uma atividade. Quando uma pessoa cumpre um trabalho de forma obrigatória, essa ação se caracteriza em um comportamento que é reativo a algo, não sendo, assim, atividade.

A atividade se caracteriza como tal quando o sujeito age de forma consciente e responsável, ou seja, quando é ativo a partir de suas necessidades. Em suma, se não houver alguma necessidade, não haverá atividade, assim como, na medida em que surgem novas necessidades, outras atividades surgirão como consequência (Repkin, 2014).

No entanto, a necessidade em si não é suficiente para haver atividade. Também, mostram-se presentes o objeto e o motivo. Deve dar-se o encontro da necessidade com um objeto que seja percebido como um estímulo e que seja capaz de satisfazer a necessidade. Nisso, deparamo-nos com o motivo. À vista disso, o motivo tem, ao mesmo tempo, a função de estímulo e a função de formação de significado, podendo este ser intrínseco ou extrínseco à pessoa. Outro ponto importante da atividade é estar associada a emoções e a sentimentos que são determinados pelo convívio com o objeto (Repkin, 2014). Dessa forma, entendemos que:

Designamos pelo termo de atividade os processos que são psicologicamente determinados pelo fato de aquilo para que tendem no seu conjunto (o seu objeto) coincidir sempre com o elemento objetivo que incita o paciente a uma dada atividade, isto é, com o motivo (Leontiev, 2014, p. 315).

Direcionando a nossa reflexão quanto à presença da criatividade, percebemos que a atividade a exige, porquanto, por exemplo, ao pensar em um exercício de memorização, concluímos que não se trata precisamente de uma atividade porque não exige o estabelecimento de relação com o mundo e não trata de responder a nenhuma necessidade, assim não é atividade e, conseqüentemente, não contou com a criatividade. Nesse tocante, a atividade propriamente dita exige relação na tentativa de responder a exigências. Dessa forma, o indivíduo precisa relacionar-se e estabelecer relações, o que, por si só, demanda criação, carece do ato de criar, portanto, exige a criatividade e/ou a imaginação.

Para uma melhor compreensão de alguns aspectos relativos à atividade, reportamo-nos à periodização do desenvolvimento humano elaborada inicialmente por Vigotski (1995, 1996) e desenvolvida ao longo dos anos por outros pesquisadores da mesma perspectiva. Segundo Facci (2004), em cada período da vida, identifica-se uma atividade principal, também denominada por atividade dominante, que corresponde às necessidades criadas pela realidade social e cultural conforme o período em questão. Desse modo, em um determinado momento da vida, a atividade principal é uma e em outra fase a atividade principal passa a ser outra.

Assim sendo, por atividade dominante, entendemos a forma principal pela qual o sujeito se relaciona com a sociedade, que, concretamente, pode-se dar ao adaptar-se à natureza, modificando-a, criando objetos e meios de produção desses objetos, sempre para supressão de necessidades. Ainda, o desenvolvimento dessa implica em “[...] mudanças mais importantes nos processos psíquicos da criança e nas particularidades psicológicas da sua personalidade” (Facci, 2004, p. 67). Contudo, a atividade dominante não consiste àquela para a qual dedicamos mais tempo (quantidade), mas pela principal maneira do sujeito relacionar-se com o mundo dada às exigências do momento.

A mudança de um tipo de atividade dominante para outro tipo de atividade dominante marca a passagem de um estágio a outro. Essa transição é conhecida como crise, que se dá à medida em que vamos incorporando outros significados sociais. Entretanto, o momento de crise, pode se dar de maneira positiva ou negativa.

A determinação da atividade dominante está atrelada às condições sócio-históricas que marcam a passagem de uma fase a outra. Os conhecimentos dos sujeitos vão se ampliando, as capacidades são cada vez maiores, as forças ampliam, há o anseio por novos conteúdos e, enfim, os atrativos passam a ser outros. Nessa perspectiva, as crises se expressam à necessidade de mudança de um estágio a outro, tornando-se inevitáveis e integrando o amadurecimento humano.

Uma atividade enquanto dominante em um determinado período não deixa de existir no estágio seguinte, o que acontece é que ela perde sua força, passando, de acordo com as circunstâncias do momento, a ser uma atividade secundária, também, intitulada por atividade subsidiária.

Estágios e atividades principais correspondentes

Miller (2019) e Facci (2004) nos apresentam uma síntese da periodização do desenvolvimento humano na perspectiva histórico-cultural, em que podemos vislumbrar a atividade principal a cada período da vida. As autoras salientam que tal organização nunca pode ser compreendida como culturalmente e, muito menos, biologicamente determinadas, uma vez que as mudanças histórico-culturais se refletirão em mudanças na organização da vida em cada etapa do desenvolvimento.

Considerando essas ponderações, visualizamos, no Quadro 1, os estágios do desenvolvimento humano a partir do que foi apresentado por Facci (2004) e por Miller (2019) e suas respectivas atividades dominantes em cada período.

Quadro 1 – Estágios do desenvolvimento humano e atividades principais

Estágio	Atividade principal
Bebê	Comunicação emocional direta
Primeiro ano de vida	Atividade objetal manipulatória
Infância (pré-escolar)	Jogo de papéis
Infância (idade escolar)	Atividade de estudo
Adolescência	Comunicação interpessoal
Juventude	Atividade profissional de estudo

Fonte: Elaborado pela autora com base em Facci (2004) e Miller (2019)

Em cada uma das fases apresentadas no Quadro 1, deparamo-nos com uma manifestação da criatividade nas diferentes atividades principais. Em umas, a criatividade se manifesta de uma maneira explícita; e, em outras, de forma tímida. Por meio da comunicação emocional direta, percebemos a possibilidade de estimulação da imaginação por meio de aspectos emocionais; em atividade objetal manipulatória, o ato de criar acontece na exploração de objetos que podem resultar em combinações distintas das já assimiladas; no

jogo dos papéis, a criatividade se manifesta, principalmente, por meio da imaginação criativa ao interpretar ações tipicamente adultas e reproduzi-las, especialmente, no ato de brincar; na atividade de estudo, a criatividade se dá na forma do pensamento criativo ao relacionar-se com o conhecimento; na comunicação interpessoal, a criatividade sucede na necessidade de comunicar-se com outrem; já na atividade profissional de estudo, a criatividade surge como uma atividade investigativa criadora ao se deparar com uma compreensão de si mesmo e de uma projeção futura.

A seguir, dialogamos acerca de especificidades de cada estágio quanto à atividade principal correspondente e a implicações da criatividade nestas.

A comunicação emocional direta dos bebês

Na fase que abarca os bebês desde seu nascimento até por volta de um ano, ocorre, como atividade principal, a *comunicação emocional direta dos bebês com os adultos* que se dá por meio de choro para manifestar o descontentamento com algo em relação às sensações tidas ou por meio do sorriso na tentativa por estabelecer alguma comunicação social. Dessa forma, estabelece-se uma comunicação social pela qual os bebês assimilam as normas de relacionamento (Facci, 2004), além de ter as suas necessidades básicas sendo supridas por meio da intervenção de um adulto.

A autora citada, no parágrafo anterior, menciona dois momentos elementares nesse primeiro ano de vida: o fato de os bebês comunicarem-se em uma forma de linguagem específica, uma vez que são incapazes de satisfazerem de forma autônoma suas necessidades, dependendo, assim, do intermédio de adultos; e a questão de que, apesar de depender de um adulto para satisfação de suas necessidades, ainda necessita da comunicação social, sendo essa pautada numa linguagem específica que desperta sentimentos, simpatias e afetos, o que se localiza no âmbito de uma comunicação emocional.

Todavia, trazemos esse estágio, haja vista nele o sujeito descobrir a necessidade de comunicar-se com outro indivíduo, quesito essencial durante as atividades principais dos próximos estágios. Esse período caracteriza-se, igualmente, por ser base da formação de ações perceptuais do ser humano no alcance de outros objetos, bem evidenciado nessa etapa quando a criança estende os braços para um familiar, por exemplo.

Apesar de não identificarmos, de forma direta, aspectos relacionados à discussão da criatividade ou da imaginação na literatura consultada acerca da atividade principal no estágio da Comunicação emocional direta, sabemos que, nessa idade, se estimulados, terão condições

para o desenvolvimento seja da criatividade ou da imaginação. Isso, porque, segundo Vigotski (2018) a capacidade imaginativa e a futura criação têm seu cerne a partir do que a criança vê e ouve, isto é, a partir de sua experiência, na qual estão presentes as percepções internas e externas.

É um processo complexo que se dá a partir do acúmulo de materiais. Uma das formas de acúmulo de experiências, considerando a atividade de imaginação, a qual podemos citar, apoiando-nos no supracitado autor, é a relação dessa com o caráter emocional. Portanto, os sentimentos influenciam diretamente na imaginação.

Já vimos que, nessa fase, mostra-se evidente a emoção na forma de relação dos bebês com os adultos. A emoção, para Vigotski (2018, p. 27), possui uma “[...] capacidade de selecionar impressões, ideias e imagens consonantes com o ânimo que nos domina num determinado instante”. No contentamento e no descontentamento, produzimos percepções e reações distintas. Assim, as emoções, os sentimentos, os afetos, isto é, os aspectos internos interferem diretamente no selecionar de ideias, impressões e imagens. Essa combinação resulta na imaginação ao unir elementos diversos ao relacioná-los.

Por fim, na fase da Comunicação emocional direta dos bebês percebe-se o desenvolvimento da imaginação a partir da relação emocional que o bebê estabelece com os adultos para comunicar-se. À medida que vai se desenvolvendo, passa a interagir com o meio por meio da manipulação de objetos socialmente construídos.

A atividade objetal manipulatória do primeiro ano de vida

No primeiro ano de vida, ainda na primeira infância, a atividade principal é a *atividade objetal manipulatória*. Para que haja assimilação por parte das crianças, exigem-se ações adultas que demonstrem uma colaboração prática, uma vez que, nessa idade, as crianças ainda dependem dos adultos para a satisfação de necessidades básicas. Entretanto, mediante uma necessidade de comunicação, usa a manipulação de objetos como possibilidade dessa (Facci, 2004).

A manipulação constitui-se enquanto base para o desenvolvimento da fala. Inicialmente, a criança reproduz ações com objetos culturalmente elaboradas e, posteriormente, inicia-se a construção de seus próprios significados e sentidos passando a expressá-los oralmente, além de ampliar o repertório gestual. Esse estágio, semelhantemente, é marcado pelo surgimento da consciência no sujeito.

A atividade principal dessa fase está centrada, de acordo com Facci (2004), na necessidade de a criança compreender a ação dos objetos, o que inclui a assimilação de procedimentos oficialmente construídos despertando, assim, a consciência no sujeito. O uso de objetos resulta em situações experienciais que ampliam o nível de consciência.

Nessa fase a criança descobre os objetos, ao explorar o ambiente. Ela toca, manipula, sente a textura. Segundo Martins e Rodrigues (2023), ela percebe que os objetos têm forma, têm cor e têm tamanhos.

Nessa etapa, o manipular dos objetos desperta a imaginação. A partir das situações experienciais a criança desenvolve a criatividade ao criar estratégias no vivenciar de situações cada vez mais complexas. Ao brincar e ao ter seus cinco sentidos explorados (olfato, paladar, tato, audição e visão), imagina situações prováveis. Assim, a imaginação e/ou a criatividade estão presentes na manipulação objetiva. A imaginação, para Vigotski (2018), é a base de toda ação criadora, não estando limitada a grandes acontecimentos, uma vez que o supracitado autor menciona que a criação, do mesmo modo, está presente nas ações humanas que modificam e combinam algo de uma nova maneira. Assim, ao explorar um objeto, manipulando-o, novas ações sobre ele podem ser pensadas e combinadas na busca por satisfazer as suas necessidades, sejam imediatas ou não.

À medida que amplia o seu repertório Desenvolvimento, aproxima-se de um novo estágio em sua vida. Afinal, está pronto para vivenciar novas experiências e aprender novas coisas. Nesse sentido, a imaginação presente na manipulação de objetos e de brinquedos amplia-se para uma imaginação criativa do jogo de papéis como atividade principal na fase seguinte, o que marca a idade pré-escolar.

A imaginação criativa do jogo de papéis na fase pré-escolar

Na fase seguinte, que é a pré-escolar (correspondente à infância) a atividade principal é o *jogo de papéis* (Miller, 2019). Nessa etapa, a criança transforma o que percebe do mundo adulto e reproduz essas ações fazendo uso de objetos no formato de brincadeiras, tendo, assim, uma interpretação de ações em relação às quais ela ainda se encontra impossibilitada de realizar.

Aqui, deparamo-nos com a potencialidade do desenvolvimento da criatividade, pois a interpretação pela criança das ações humanas adultas e a sua reprodução acontecem por meio de uma imaginação criativa à que as crianças se dispõem. Fazem uso do faz de conta para expressar relações reais no plano imaginário. Nesse momento, ainda não usufruem de

habilidades para executarem determinadas ações igualmente àquelas realizadas pelos adultos, porém, por meio da imaginação criativa, reinterpretam-nas, passando a realizá-las conforme a capacidade que possuem. É uma etapa importante, pois, ao não dominarem completamente a ação, elaboram e tentam novos modos e conhecimentos para realizá-la, ou seja, imaginam situações e formas.

No entanto, não se obriga e nem se ensina diretamente a criança a brincar. Ela precisa dispor dessa necessidade para se dar uma transformação criativa a partir de tal atividade principal, porquanto é através do processo de experimentação que a criança se deparará com o inesperado a ser explorado e desvelado.

Na brincadeira, realizam-se ações em uma situação imaginária, o que propicia a perceber a importância e a como realizar determinadas atividades nas relações humanas, assim como a incorporação de objetos nessas relações. Por meio de tais situações imaginárias, começa a se orientar de maneira criativa inclusive descobrindo ser detentora de sentimentos próprios.

A imaginação, para Vigotski (2018), é a base da criatividade, pela qual o indivíduo é capaz de criar algo novo em diferentes esferas com distintos significados. De igual forma, é responsável por fazer com que a brincadeira aconteça por meio de uma releitura criativa de impressões vivenciadas ou necessidades que, de alguma forma, despertam a motivação infantil.

Ainda, para o supracitado autor, na fase pré-escolar, quando a criança se depara com um desejo o qual não poderá ser resolvido de forma imediata, surge como possibilidade de resolução imediata o mundo da ilusão e da imaginação. Para o autor, o desejo não realizável pode ser realizado por meio do brinquedo ou da brincadeira. A partir disso, concluímos, apoiando-nos em Vigotski (2007), que a criança expressa a sua criatividade por meio da criação de situações imaginárias, isto é, do faz de conta.

Nessa perspectiva, a criatividade, na forma de imaginação criativa, caracteriza-se como indispensável para o período seguinte, pois a etapa posterior reivindicará um pensamento produtivo criativo na execução de ações e de tarefas que compõem a atividade de estudo, uma vez que exigirá análises, abstrações e generalizações que demandam uma imaginação que se desenvolve por meio de jogos e brincadeiras.

O pensamento criativo e a atividade de estudo na idade escolar

Na idade escolar inicial, a atividade principal é a *atividade de estudo*. Ao ser inserida na educação escolar, a criança necessitará desenvolver um pensamento produtivo criativo a partir dos conteúdos escolares e das novas ações e operações que passará a realizar nessa atividade (Miller, 2019). A partir desse momento, ser-lhe-á exigido o cumprimento de certos deveres e a execução de novas tarefas, em conteúdo e forma diferentes das brincadeiras; assim, passará a se relacionar de maneira diferente com os adultos e, conseqüentemente, a relação com os familiares será submetida a mudanças conforme apontado por Facci (2004).

Na perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano, atividade de estudo é uma atividade fundamental ao desenvolvimento e ao aprimoramento das funções psíquicas superiores. Por meio da aprendizagem dos conteúdos escolares (conceitos científicos), novas formas de desenvolvimento do pensamento, da imaginação e da criatividade florescerão: reflexão, análise, síntese, generalização... Assim, acontece a assimilação, segundo Facci (2004), de novos conhecimentos.

O desenvolvimento das capacidades de pensamento permite a busca de soluções para problemas de modo mais criativo, isto é, distinto do óbvio. Portanto, possibilita deparar-se com resoluções outras, que sejam diferentes de resultados esperados ou identificados pela maioria. Tudo isso implica em mudanças e em reestruturações, cujo cerne está no pensar criativo com os conceitos científicos apresentados pela escola. O desenvolvimento por meio da uma atividade de estudo possibilita que o sujeito, além de buscar soluções, seja também capaz de identificar e de propor outros problemas, o que demanda e amplia ainda mais a atitude de iniciativa e de criação do estudante.

A atividade de estudo favorece, igualmente, o desenvolvimento de novos procedimentos, de novas capacidades, de novas operações mentais o que, conseqüentemente, enriquece o desenvolvimento da criatividade no sujeito, tornando-se, assim, uma situação cíclica, pois seu desenvolvimento aprimora e faz com que o aluno avance ainda mais mediante as ações das tarefas de estudo que compõem a referida atividade principal. Portanto, a atividade de estudo, tida conforme exposto, provoca uma transformação em si mesmo no estabelecimento, de acordo com o apresentado por Miller (2019), de uma atividade propriamente criadora de caráter individual.

Ao refletirmos sobre a referida atividade e a implicação da criatividade nessa, não podemos deixar de mencionar as ações da tarefa de estudo que, ao final, ajudam a constituir as etapas de controle e de avaliação bem como a ação do professor nesta. Afinal, é esse

profissional que, inicialmente, planeja cada etapa da atividade já mencionada. É ele também quem propõe as citadas tarefas e as demais ações.

Nessa perspectiva, todo o planejar e o mediar do docente exigem atitudes criativas, como, por exemplo, o suscitar de problemas que demandam soluções as quais, de fato, conduzirão os alunos a pensarem criativamente e a, cada vez mais, desenvolverem a capacidade de serem criativos diante das situações.

Lembremos que a atividade de estudo demanda uma motivação ou motivos, consoante apresentado por Freitas (2016), quanto a uma necessidade que desperte no estudante o desejo por um objeto. Isso e a prática de tarefas que possibilitam transformações mentais e experimentações, possivelmente, acontecem a partir das condições ofertadas em sala de aula, as quais compõem o planejar e o mediar do educador/a.

Considerando que a criatividade deve ser estimulada desde os primeiros anos de vida, mostra-se necessário que os professores/as favoreçam experiências de atividades criadoras. Quando a motivação inicial para realizar determinada ação chega ao ponto de ser suprimida, há, nesse tocante, a exigência de criação de novas necessidades, o que demandará novas atividades, uma vez que a questão de a necessidade ser um motivador da criatividade está ligada a exigências da vida real.

A relação da criança com a atividade de estudo demanda obrigações quanto aos papéis sociais. Dessa depende o conhecimento que deve ser adquirido. Essa relação mais complexa com o adulto e o conhecimento prepara o indivíduo para a vivência da adolescência, na qual a comunicação interpessoal possui uma importância na relação com os pares.

A adolescência e a comunicação interpessoal

Na adolescência, ainda que a atividade de estudo seja uma característica marcante, uma nova atividade principal começa a se desenvolver entre os adolescentes: a *comunicação interpessoal*. A atividade de estudo deixa de ser a atividade fundamental desse público, passando a ser uma atividade secundária, todavia de grande importância, marcada pelo avanço do pensamento abstrato no que diz respeito à formação dos conceitos (Miller, 2019; Facci, 2004).

Nesse período, a relação com os adultos sofre modificações radicais, pois, em certos casos, os adolescentes se igualam aos adultos ou até os superam, afinal apresentam capacidade crítica quanto ao que lhes é exigido, bem como quanto aos conhecimentos

teóricos. Para Vigotski (2018), nessa idade, dá-se o início a uma relação crítica com as ações desenvolvidas por ele.

Aqui é importante considerar que, sendo a comunicação a atividade principal desse estágio, os adolescentes buscam por relações sociais e desenvolvem uma forte necessidade de estarem inseridos em grupos. Dessa maneira, cabe ao professor dispor de elementos criativos ao planejar as ações de forma que abarquem realizações coletivas, de propor uma atividade de estudo permeada por tarefas de estudo que contemplem a especificidade desse sujeito em estar se relacionando com o outro. Nessa fase, ignorar o fato de que os motivos dos alunos estão relacionados à ideia de coletividade pode comprometer a apreensão do objeto por parte do discente.

Ademais, para Cardoso e Puentes (2021), a reflexividade está presente, nessa etapa de atividade principal pautada na comunicação interpessoal, também na comunicação entre professor e aluno. Devido a isso, segundo os supracitados autores, importa o que eles apresentam por diálogo de estudo. Ainda, consoante os autores, quando o diálogo sucede entre o aluno e o professor, o primeiro se torna um sujeito da aprendizagem, ação, na qual, desenvolve-se como uma pessoa criativa.

Na atividade de estudo, seria necessário desenvolver outras formas de lidar com os objetos de conhecimento, promovendo maior reflexão, interação e tarefas em grupo, direcionando o pensamento científico à construção de sentidos na vida real, além de possibilitar uma visão geral do mundo e de pertencimento a esse mundo. Tal tipo de organização favorece ao adolescente uma reflexão sobre sua própria conduta e capacidades, passando por um processo de autoafirmação, sendo capaz de tomar decisões e de imaginar as possibilidades de futuro. Considerando essas especificidades e buscando ações criativas, o educador/a há que considerar o interesse dessa faixa etária por atividades esportivas e atividades artísticas, além de estarem atentos à participação em trabalhos sociais.

Vale ressaltar que, conforme apontado por Vigotski (1996), o adolescente, nessa etapa do desenvolvimento, apresenta um significativo avanço quanto à formação de conceitos, que o insere no mundo da consciência social, por meio de conhecimentos condizentes à ciência, à arte e à cultura. O seu pensamento abstrato se desenvolve cada vez mais, distanciando-se, assim, da necessidade de um pensamento concreto.

Ao estabelecer uma comunicação íntima pessoal, denominação usada por Facci (2004), o adolescente estrutura algumas concepções, como do sentido pessoal de vida, do próprio futuro, das relações entre as pessoas, do mundo. Essa forma de relacionar-se em grupo

gera novas tarefas e novos motivos, que findam na atividade principal, que passa a adquirir características de uma atividade profissional de estudo.

Juventude e a atividade profissional de estudo: em busca de uma atividade investigativa criadora

Durante o período escolar, o que corresponde à juventude, a atividade principal passa a ter foco em exigências ou em anseios profissionais. À vista disso, a atividade principal equivale à *atividade profissional de estudo*, o que conduz a uma atividade investigativa criadora (Miller, 2019). O estudante passa a criar novos meios e procedimentos para realização da atividade de estudo, desenvolvendo, assim, uma autonomia individual criadora que o distancia de execução de ações de trabalho estereotipadas ante à realidade.

Nessa etapa, os sujeitos passam a operar de forma inesperada com os conceitos, o que é uma atitude criativa, pois passam a ter uma conduta investigativa do material, resultando em uma atividade individual criadora com estrutura aberta à reconstrução de objetos. Dessa forma, abre-se a possibilidade de que o jovem consiga organizar o seu trabalho de forma criativa e, a partir disso, possa propor criativamente melhorias que atendam às suas próprias necessidades e às expectativas sociais. Nesse sentido, Cardoso e Puentes (2021) acrescentam que é uma forma de criatividade profissional, contribuindo com o desenvolvimento de uma pessoa criativa.

Contudo, a união da atividade de estudo com a laboral traz um valor ainda mais acentuado à realização da atividade, despertando a primordialidade de uma transformação de forma criativa do objeto e ampliando a possibilidade de desenvolvimento do potencial criativo dos estudantes.

Considerações finais

Neste texto, buscamos apresentar uma concepção de desenvolvimento humano que pode suscitar reflexões sobre a dinâmica de tal processo, bem como nos ajudar a captar e a compreender as relações entre vida social e subjetividade nas atividades principais e suas implicações no desenvolvimento do pensamento e da criatividade.

Ao compreender como se dá a mudança de atividade principal de um estágio para outro, percebemos, também, que o desenvolvimento humano sempre se dará a partir de crises e de contradições, sendo umas mais radicais do que outras, entendendo que essas crises se tratam de uma necessidade sendo substituída por outra.

Tentamos, igualmente, refletir sobre como se dá o desenvolvimento da imaginação e da criatividade em cada uma das etapas do desenvolvimento humano: na comunicação emocional direta, percebemos o desenvolvimento da imaginação por meio das emoções tidas entre as relações estabelecidas; na fase da atividade objetual e manipulatória, deparamo-nos com a imaginação e a ação criadora quando a criança passa a manipular objetos de natureza distintas, atribuindo-lhes novas combinações ou até modificando-os, construindo, assim, uma consciência no sujeito; na atividade principal do *jogo de papéis*, podemos destacar uma ação criativa por meio da imaginação ao interpretar ações adultas e reproduzi-las, tendo como ponto de partida as suas condições, materializando-se por meio de brincadeiras; em relação à *atividade de estudo*, percebemos que a criatividade perpassa a aprendizagem dos conhecimentos escolares, isto é, na sistematização do conhecimento; na *comunicação interpessoal* do adolescente, o desenvolvimento da criatividade passa pela necessidade de comunicar-se com os outros e, ao mesmo tempo, agir autonomamente; na etapa em que a *atividade profissional e de estudo* é a atividade principal, isto é, compreender a si mesmo no mundo e projetar o futuro exigem, de igual forma, imaginação e criatividade.

Finalizamos o texto enfatizando a importância de compreendermos que a atividade de estudo precisa ser criativa e transformadora, uma vez que, na perspectiva histórico-cultural, a apropriação dos conceitos científicos na escola tem uma importância fundamental em todo o processo de desenvolvimento humano.

Referências

CARDOSO, Cecília Garcia Coelho; PUENTES, Roberto Valdés. V.V. Davidov: contribuições a teoria da atividade de estudo. In: PUENTES, Roberto Valdés; CARDOSO, Cecília Garcia Coelho; AMORIM, Paula Alves Prudente (Orgs.). *Teoria da atividade de estudo: contribuições de D. B. Elkonin, V. V. Davidov e V. V. Repkin*. Livro I, v. 10, 3 ed. Uberlândia: EDUFU, 2021. p. 267-310.

DAVIDOV, Vasili Vasilovich. O que é a atividade de estudo. Tradução de Ermelinda Prestes. *Revista Escola Inicial*, Cascavel, n. 7, p. 1-6, 1999.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias. A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigostski. *Caderno Cedes*, Campinas, vol. 24, n. 62, p. 64-81, abr. 2004.

FREITAS, Raquel A. Marra da Madeira. Formação de conceitos na aprendizagem escolar e atividade de estudo como forma básica para a organização do ensino. *Educativa*, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 388-418, mai/ago. 2016.

LEONTIEV, Aleksei Nikolaevitch. O desenvolvimento do psiquismo na criança. In: *O desenvolvimento do psiquismo*. São Paulo: Centauro, 2004. p. 303-334.

MARTINS, Débora Borges; RODRIGUES, Adriana. Propostas didáticas para a educação infantil: a tríade brincadeira, criatividade e linguagem. *ECCOS - Revista Científica*, São Paulo, n. 65, p. 1-14, abr./jun. 2023.

MILLER, Stela. Atividade de estudo: especificidades e possibilidades educativas. In: PUENTES, Roberto Valdés; MELLO, Suely Amaral (Orgs.). *Teoria da atividade de estudo: contribuições de pesquisadores brasileiros e estrangeiros*. Livro II. Uberlândia-MG: EDUFU, 2019. p. 71-94.

REPKIN, Vladimir Vladimirovitch. Ensino desenvolvente e atividade de estudo. *Ensino Em Re-Vista*, Uberlândia, v. 21, n. 1, p. 85-99, jan.-jun. 2014.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. *Obras escogidas*. Madrid: Visor, 1995. v. 3.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. *Obras escogidas*. Madrid: Visor, 1996. v. 4.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 7 ed. Tradução: José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKI, Lev Semionovitch. *Imaginação e criação na infância*. 1 ed. Tradução: Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. São Paulo: Expressão popular, 2018.